



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Brasília, 31 de dezembro de 1961.

Pela rede de radiodifusão de "A Voz do Brasil", ao ensejo da passagem do ano.

À véspera de um novo ciclo no correr do tempo, quero dirigir-me a todos vós, meus patrícios, para comunicar-vos algumas reflexões que me sugerem os acontecimentos deste agitado ano que hoje finda, bem como palavras de justificada esperança nos dias que amanhã começaremos a viver.

Este é o grande instante para o desanuviamento dos espíritos, para a conciliação dos corações, para o abandono dos ressentimentos, para o sepultamento dos ódios e das prevenções. Este é o momento de convocar todos quantos sejam ou possam vir a ser úteis à tarefa de contribuir para que o Brasil tenha mais tranquilidade e estabilidade, para prosseguir na jornada pelo destino da Pátria, aperfeiçoando as suas instituições, melhorando as condições de vida de milhões de deserdados, que ainda não se integraram nas belas perspectivas que temos o dever e o direito de almejar para a grande comunidade nacional.

Ao se verificar a renúncia do Presidente Jânio Quadros, obrigava-me o dever, em razão do cargo a que fui elevado pelo voto consciente do povo, a assumir, na plenitude dos poderes constitucionais, a superior magistratura da Nação. Mas, pesando bem as responsabilidades do meu gesto, preferi aceitar a solução que o Congresso Nacional, em seu alto tirocínio, houve por bem consertar em benefício da paz e da fraternidade entre os brasileiros. Foi uma decisão que tomei sem nenhum ressentimento, com a consciência tranquila, na convicção de estar prestando leal colaboração ao País e aos meus irmãos brasileiros. Posso proclamar que tudo tenho

feito no sentido de não criar quaisquer dificuldades ao nôvo sistema instalado no País. Com a modificação introduzida pelos acontecimentos de agosto, não foram, entretanto, solucionados os verdadeiros problemas nacionais. Antes, evidenciou-se a necessidade de empreender, com lucidez e coragem, as reformas de que carecemos, para ajustar o Estado e o processo administrativo às exigências das necessidades nacionais.

Ninguém mais duvida de como se torna imperioso reformular certos conceitos que entravam o livre desenvolvimento das nossas forças econômicas, constroem e desfiguram a realidade social, pois exprimem o que não mais existe e não exprimem o que é fato indiscutível. O clamor público pelas reformas de base indica-nos que atingimos um grau de compreensão da nossa realidade que nos fará criar, com os próprios recursos de inteligência e trabalho, os meios indispensáveis à construção do progresso do nosso País. Não somos uma nação pobre, desde que descobrimos a imensa riqueza que é a união do povo decidido a libertar-se da pobreza.

Vejo, por isso, com o mais saudável otimismo, o alvorecer dêste Ano Nôvo, que há de trazer-nos a solução de alguns dos problemas que agora nos afligem, pois nêle o povo será convocado a escolher os seus representantes no Parlamento, o que equivale à reaproximação com a única fonte de onde deve emanar o poder. Temos problemas árdios a resolver, mas são precisamente aqueles que decorrem da marcha da nossa evolução econômica e social.

Considerado na perspectiva histórica mais geral, o ano encerrado foi extremamente rico de sucessos e de lições. Progredimos na produção econômica, apesar de persistirem os desequilíbrios que dificultam a ordenação financeira e se exprimem na inflação não dominada. Contudo, não foi estancado o crescente ingresso da mão-de-obra no mercado do trabalho, o que significa estar a Nação oferecendo meios de existência a parcelas cada vez maiores da população. Entre outras medidas e providências tomadas no ano que hoje finda, a conversão em lei do plano de desenvolvimento regional do Nordeste constitui notável marco no progresso do desenvolvimento nacional e assenta bases na próxima e definitiva liquidação dos desumanos e inadmissíveis padrões de vida que ainda torturam, ali, milhões de patrícios. Não cessamos de crescer

mesmo nos dias de ansiedade política e de mal-estar social. À medida que nos desenvolvemos, vai-se também ampliando uma consciência de justiça social, com o patriótico objetivo de corrigir desacertos e minorar contrastes que podem ameaçar a harmonia entre os brasileiros.

É preciso que pratiquemos a democracia real, aquela em que o povo, por intermédio de eleições livres, decide de si mesmo e institui em seu exclusivo proveito os termos da convivência social.

Cumprе às classes produtoras compartilhar do esforço coletivo pela ascensão do nível de vida de todos os brasileiros.

O nosso povo é unido, a sua sólida formação cristã preserva-o do espírito de ódio e violência. Não deseja o mal de ninguém, mas quer participar — e a isso tem o direito — dos bens que a riqueza nacional já lhe pode proporcionar.

É para todos, pois, que — de coração aberto — neste dia quero apelar. Não é o apêlo à tranquilidade dos braços cruzados, à serenidade da imobilização, mas o apêlo à confluência dos bons esforços, à harmonia entre opiniões diversas que caracterizam o o processo democrático. Que cada qual, tendo, lado a lado, o quadro dos seus direitos e dos seus deveres, se disponha, sempre que houver dúvida, a promover a prevalência dos últimos, que a hora é sobretudo dos deveres.

É a hora do apêlo aos trabalhadores, para que confiem em que o seu experimentado companheiro de tantas campanhas memoráveis não há de ser, em qualquer emergência, indiferente às suas reivindicações justas e legítimas. O Presidente da República, para ser fiel ao Brasil e não se tornar impossibilitado de servir aos trabalhadores, precisa, mais do que nunca, da sua colaboração, da sua compreensão, da sua ajuda, enfim, da sua amizade confortadora. Para isso, basta que os trabalhadores se conservem fiéis à ordem constituída e se revelem imunes às agitações estereis ou às perturbações dos que pretendem transformar movimentos justos em pretextos para encobrir ambições de natureza ilegítima.

É hora do apêlo aos empregadores, aos materialmente mais felizes ou melhor dotados, para que vejam e sintam que não há maneira mais indicada de resguardarem os próprios direitos do que usá-los com visão social e humana, reconhecendo que êsses

direitos são frutos de uma ordem jurídica que não teria forças para sobreviver sem corrigir a espoliação que sofrem milhões de brasileiros.

Sei perfeitamente que a murmuração cresce em tôdas as camadas populares, em face do incontrolável e incessante aumento do custo de vida. Se é forçoso reconhecer que êsse indesejável fenômeno pertence à dinâmica do nosso processo econômico, sabemos, por outro lado, que existem meios para conter, dentro de limites aceitáveis, o desvirtuamento do poder de compra. De todos, é êste o mais grave dos problemas que me inquietam. Se não conseguirmos dominar o aumento do custo de vida, de nada valerá tudo o mais que fizermos, pois seremos esmagados pelas conseqüências dessa fatal enfermidade. O ano de 1962 deve marcar a concentração dos esforços de todos no combate, permanente e objetivo, ao agravamento do custo de vida, problema fundamental para todos os brasileiros e do qual pode depender a própria sobrevivência das nossas instituições democráticas.

O homem brasileiro quer trabalho condigno, quer terra para plantar, escolas onde estudar, hospitais onde se socorrer, um mínimo de conforto e de satisfação espiritual. Ninguém deverá atuar senão no sentido de lhe oferecer êsses bens a que tem direito. Qualquer decisão política que se oponha a tais finalidades, ou simplesmente ignore a premência da sua satisfação, será considerada anti-social e tornar-se-á responsável pelo incremento da tensão reivindicatória das classes menos favorecidas.

O ano que se inaugura será, sem dúvida, difícil para o Governô, que se vê a braços com situações graves que lhe foram legadas, acrescidas de outras, resultantes de erros acumulados ou causados pela imperfeição da atual máquina administrativa. Anima-me, porém, uma fé inquebrantável no futuro desta poderosa nação, que encontrará em si mesma, brotando do seu próprio seio, as energias de que necessita para transpor todos os obstáculos. As ocorrências políticas de agôsto, que quase precipitaram o País na luta fratricida, tiveram, entretanto, a virtude de demonstrar a perfeita comunhão entre o sentimento do povo e a atuação das Forças Armadas, na defesa intransigente da legalidade.

Um país que necessita desenvolver-se não se aproxima desse objetivo senão à custa de ingente sacrifício. Superar o subdesenvolvimento não é resultado espontâneo do processo econômico, abandonado a si mesmo. O desenvolvimento exige, ao contrário, planejamento e direção política para fazer-se de forma harmoniosa, conseqüente, não por surtos locais desencontrados, que agravam as disparidades regionais. Estas só serão eliminadas pelo desenvolvimento concebido e executado segundo um plano nacional, que corrija os desníveis entre regiões e a tôdas beneficie por igual.

Não teríamos, no entanto, a visão exata da nossa realidade, se a considerássemos exclusivamente no seu panorama interno, destacando-a do contôrno internacional. Também neste cenário, o ano que se extingue foi cheio de acontecimentos significativos, auspiciosos uns, inquietantes outros, que podem trazer, no ano próximo, situações delicadas a que o nosso país terá de fazer frente. Para nos orientarmos, porém, nas conjunturas que se apresentarem, possuímos o fio de uma tradição de respeito aos direitos de todos os povos, e por êles é que nos deixaremos guiar em qualquer eventualidade.

Somos membros de uma fraternidade de nações latino-americanas que, por enquanto, sofrem, umas um pouco mais que outras, da mesma deplorável condição de subdesenvolvimento econômico, que as irmanam na tarefa comum de levantar o nível de existência das suas populações. Esta realidade estabelece as condições objetivas de uma política unitária de tôdas elas. Compreendemos a política de superação do desenvolvimento na perspectiva continental, dispostos a participar de todos os esforços que venham a ser propostos por qualquer membro da nossa comunidade de Nações, visando às ações coletivas que tenham por fim melhorar o nível de vida das populações. Acredito que, sem vigoroso impulso interno e sem franca e leal colaboração, as nossas nações dificilmente se erguerão, em tempo hábil, do estado de pauperismo em que se encontram.

O Brasil não fugirá aos seus compromissos de nação pacífica, desejosa de manter universais relações de amizade. Ampliamos nossa área de convivência internacional, restabelecendo comunica-

ções com povos cujo regime difere do nosso pela filosofia que o inspira e da qual pessoalmente discordo. Mas nem por isso deixo de ver como resultado vantajoso o estabelecimento de relações com todos os países, porque o fato significa o alargamento da nossa projeção internacional e novas possibilidades de expansão econômica.

A política exterior do Governo tem obedecido ao princípio inalterável de respeito pela soberania dos outros povos e de salvaguarda da nossa própria independência. Já vai longe o tempo em que o Brasil se podia considerar isento de responsabilidades nas grandes questões internacionais. Somos, hoje, uma das nações democráticas mais populosas e as nossas tradições jurídicas e políticas nos conferem autoridade para levarmos uma ação construtiva ao debate dos grandes problemas do mundo contemporâneo, procurando sempre contribuir, com o melhor dos nossos esforços, para a preservação e o fortalecimento da paz.

Meus patrícios:

Homem simples, homem comum, homem endurecido no combate cotidiano, no contato igual com os humildes, fazendo do diálogo permanente com eles a fonte constante da minha inspiração, a verdade é que o poder não me deslumbra e suas ostentações, longe de me seduzirem, só me trazem constrangimento, e não consigo incluir senão no rol dos meus deveres mais penosos. Só compreendo o poder como instrumento para o bem coletivo, sujeito, sempre, à revisão e à confirmação das manifestações populares, aos debates e às críticas, democraticamente exercidas, e só o aceito enquanto conduz à realização do seu objetivo justificador.

Mais ligado por uma vivência diuturna aos problemas dos trabalhadores, cujos sofrimentos conheço como se fôssem meus e de cujo patriotismo jamais tive motivos para descrer, saberei buscar, no exemplo singular do Presidente Getúlio Vargas, as inspirações para o equilíbrio, que hei de manter no exercício do meu mandato, não, evidentemente, como um indiferente, mas como um árbitro, orientado por sentimentos de equidade e de justiça social, disposto

a extrair do diálogo democrático, livremente manifestado, as verdades e as constantes para as decisões que convenham ao Brasil, que é maior do que todos nós, na sua disposição de lutar e de vencer o subdesenvolvimento, a pobreza e a injustiça.

Não tenhamos receio dos dias que iremos atravessar no ano que se inicia, embora eles possam vir marcados por dificuldades e preocupações, pois saberemos vencê-las com espírito de luta e vontade de servir aos altos ideais nacionais.

O ano que ora finda foi agitado, mas de suas horas incertas saímos revigorados na decisão de continuarmos unidos, caminhando firmes para os nossos irrevogáveis objetivos. Nenhum motivo de temor me assalta no instante em que transpomos o limiar de 1962. Com a ajuda de Deus, quero dizer a todos vós, brasileiros das cidades e dos campos, homens e mulheres, jovens e anciões, que nada deterá a marcha desta Nação, marcada pelo signo da grandiosidade nas suas dimensões físicas e no seu destino histórico. De mim, como seu Presidente, só um apêlo constante ouvireis: o apêlo à união, à ordem, ao trabalho, à amizade e à paz.

Esta é a mensagem que desejo transmitir-vos e que, estou certo, será recebida com integral consonância em vossos corações. Quando amanhã, passado o dia festivo, reencetarmos o labor diário, lembremo-nos de que, como povo, devemos trabalhar pelo desenvolvimento nacional, para fruir em paz e em liberdade os bens que produzirmos e para mostrarmo-nos dignos do ideal cristão de fraternidade que nos anima e justifica a nossa vida e a nossa luta.

Brasileiros:

Nesta noite de alegrias e de esperanças, dirijo-me a todos os meus patrícios, de todos os rincões da Pátria, para dizer-lhes que as suas preocupações, as suas dificuldades, ocupam permanentemente o meu pensamento; para dizer-lhes que temos muitas razões para acreditar que, mercê do nosso esforço e do nosso patriotismo, o ano que amanhã se inicia será mais generoso para todos os brasileiros.

Em nome do Brasil, em nome das nossas tradições cristãs, rogo a Deus para que derrame suas bênçãos sôbre o bravo povo brasileiro; que conceda, em sua infinita compreensão, as maiores felicidades a cada um dos brasileiros, para que possamos todos, irmanados no mesmo ideal, lutar pela grandeza da Pátria comum, cujos altos destinos haveremos de construir com o nosso trabalho e a nossa fé, a fim de torná-la cada vez mais forte, mais justa e mais independente. Que Deus faça de 1962 o ano da paz e da concórdia para a grande família brasileira.